

Introdução

Não é de hoje que a linguística tem contribuído com discussões que tomam o ensino de línguas como pauta. Isso tem ganhado mais força e, dentro dessa esfera, o ensino de gramática tem recebido significativas contribuições de diferentes teorias linguísticas, dentre elas o gerativismo chomskyano. Com o intuito de colaborar com essas perspectivas é que a presente pesquisa se configura. Ela é um recorte de uma pesquisa em andamento que está sendo realizada na especialização de Ensino e Gramática, CEGRAE, da UFMG. Ao trabalhar na Educação Básica com 'análise sintática', era possível perceber a dificuldade de alguns alunos com os 'elementos que formam as sentenças' e suas funções. Comecei a observar que o ensino estava mais relacionado a algo linear e não hierárquico, além de ter um aspecto menos aprofundado e explicativo em relação à delimitação dos constituintes. Apesar de ter deixado a Educação Básica, tenho trazido a noção de constituintes e sintagmas para as aulas (que focam na gramática tradicional) no ensino superior e o *feedback* tem sido bastante interessante.

Objetivo Geral

Discutir a importância de constituintes sintáticas e sintagma no ensino da sintaxe, para um ensino mais analítico e reflexivo.

Embasamento teórico

O ensino de gramática é visto como um dos pilares da educação linguística, desempenhando papel fundamental no processo de aprendizagem de línguas. Tradicionalmente, a gramática é abordada como um conjunto de regras formais que o aluno deve memorizar (ou seja, é abordada sob um caráter mais mnemônico (Gavioli-Prestes; Chapanski, 2018)), e depois aplicar. No entanto, nos últimos anos, as abordagens teóricas que focam na compreensão da língua como um fenômeno cognitivo têm ganhado destaque. Entre essas abordagens, linguistas consagrados que trabalham sob a linha gerativista chomskyana têm permitido discussões e propostas sob uma perspectiva inovadora, centrada na ideia de que a linguagem é uma capacidade inata e universal do ser humano, o que pode transformar a forma como entendemos e praticamos o ensino da gramática. Assim o processo de aprendizagem deve ser mais focado na descoberta das estruturas subjacentes da língua, passando, assim, a ser visto como um processo mais cognitivo e reflexivo, no qual o aluno é estimulado a entender os princípios que regem a formação das sentenças, além de permitir a construção de hipóteses sobre a língua, como vemos descrito e explicado em Pires de Oliveira e Quarezemin (2016).

Assumindo que o aluno possui um conhecimento prévio de sua língua, o professor atua, então, como um facilitador, promovendo um ambiente de reflexão e discussão no qual os alunos têm a oportunidade de questionar e hipotetizar como se organiza a estrutura linguística de uma língua.

A partir disso e assumindo que o ensino de gramática deve ter esse caráter científico (cf. Borges Neto (2012), Larson (2010)) é que nossa pesquisa se configura.

No contexto gerativista, os constituintes não são apenas agrupamentos arbitrários de palavras, mas unidades estruturais que podem ser manipuladas por regras sintáticas. Cada constituição de uma sentença segue uma estrutura hierárquica e tem uma função gramatical específica, como sujeito, predicado, complemento ou adjunto (cf. Kenedy, 2013).

Referências

- BORGES NETO, J. *Algumas observações sobre o ensino de gramática*. Texto de conferência proferida no VI ELFE, Maceió, 12 de novembro de 2012.
- GAVIOLI-PRESTES, C. M.; CHAPANSKI, G. A didática contemporânea de língua portuguesa entre expediente retórico e produto científico: pressupostos histórico e teórico e estudo de casos. *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, n. 97, pp. 167-181, jan./jun. 2018.
- KENEDY, E. Possíveis contribuições da linguística gerativa à formação do professor de língua portuguesa. *Revista de Letras*, v. 1, n. 32, 2013.
- LARSON, R. *Grammar as Science*. Cambridge: MIT Press, 2010.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.; QUAREZEMIN, S. *Gramáticas na escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- NICOLAU DE PAULA, M.; CARVALHO, J. Forma e função no ensino de gramática: a noção de sintagma como guia da definição de classes formais. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 12, n. 31, p. 261-281, 2022.
- TESCARI NETO, A. Constituintes sintáticas, ambiguidade estrutural e aula de português: o lugar da teoria gramatical no ensino e na formação do professor. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, 18 (2), p. 129-152, ago./dez., 2017.

Metodologia

Nossa pesquisa é uma revisão bibliográfica de outras pesquisas e trabalhos citados no embasamento teórico e é de caráter qualitativo.

Análise

Seguindo a proposta de materiais didáticos, era solicitado aos alunos que fizessem a análise sintática de uma oração como em (01), por exemplo.

- (01) [O pagamento do salário dos funcionários em greve pelo chefe] [agradou a todos].

Ao fazerem isso, eles tendiam a ver a sentença de uma forma linear e não conseguiam perceber a relação entre as unidades estruturais, como a organização existente dentro do sujeito. Comumente o sujeito era indicado como [o pagamento] apenas, e a relação entre 'funcionários em greve', 'salário' e 'pagamento' não era compreendida.

Tendo em vista a competência do falante, eu trazia questionamentos fazendo com os alunos analisassem o que estavam observando. Sugerir que trocassem o sujeito por um pronome ('famoso' teste de pronominalização), por exemplo. O que os levou a compreender que a hipótese deles não era adequada.

- (02) a. *Isso do salário dos funcionários em greve pelo chefe agradou a todos.
b. Isso agradou a todos.

Com base (e indo além) em discussões como essas, compreender os sintagmas (como defendem Nicolau de Paula e Carvalho (2022)) e os constituintes é importante para ensinar os alunos a ver como as palavras se organizam em unidades funcionais dentro das sentenças. A noção de sintagma permite que o aluno entenda não apenas a forma das sentenças, mas também como cada parte contribui para o sentido global. Isso é crucial para o ensino da sintaxe, pois o aluno deve ser capaz de identificar e manipular as unidades que formam as sentenças de maneira autônoma, ao mesmo tempo que elabora explicações possíveis para os fenômenos que estão acontecendo em sua língua. Assim os alunos começam a perceber a língua de uma maneira mais profunda, como um sistema organizado que segue regras, que não necessariamente coincidem com as normas que são prescritas a nós na escrita, por exemplo.

Considerações finais

Não se pode negar que as contribuições de discussões como as apresentadas aqui são de suma importância para a educação linguística que deve estar presente nas salas de aula da Educação Básica.

Em um contexto gerativista, ensinar sintaxe não se trata apenas de aplicar regras formais de concordância ou de construção de frases, mas de compreender como a língua se organiza em uma estrutura complexa e hierárquica. Levar a noção de constituintes sintáticos e sintagmas para a Educação Básica permite aos alunos entender melhor o funcionamento interno da língua e usar essa compreensão de forma mais autônoma, reflexiva e criativa.